



**José Barnabé de Mesquita**

(\*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

**Biblioteca Virtual José de Mesquita**

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

JOSÉ DE MESQUITA

## **UM DISCIPULO DE MACHADO DE ASSIS**

(Crítica literária)

O romancista de *Braz Cubas* e do *D. Casmurro*, sem ter sido jamais chefe de escola alguma, deixou alguns discípulos. Entre esses podem-se arrolar, confessos ou implícitos, Pedro Rabello, Mario de Alencar e Magalhães de Azeredo. Os dois últimos coincidiam até nas iniciais: *M. de A.*

Comtudo, apenas Pedro Rabello chegou a imitar consciente e deliberadamente o estylo personalíssimo do mestre. No geral, a influencia de Machado de Assis sobre seus discípulos se deu de preferência no domínio das idéas, na convergência dos pontos de vista críticos ou doutrinários ou no apuro clássico da phrase. Influencias epidérmicas, que deixaram o cerne incólume, pois, para seguir na esteira do humorismo machadiano, fôra mister estivessem seus seguidores avassallados aos mesmos determinismos orgânicos, raciaes, moraes e sociaes que explicam ao criador de *Quincas Borba* as tendências do seu humorismo todo pessoal e intuspectivo.

Não sei até que ponto agirão esses determinismos sobre a personalidade literária e social do desembargador José de Mesquita para aproximá-lo estheticamente do grande sceptico de *Yayá Garcia*, revelando nelle a estirpe de um authentico discípulo, não um discípulo servil que repete as lições do mestre, por um muito brasileiro psitacismo em que as apparencias phraseológicas emcampam a falta de legítima correspondência interior, mas discípulo por assim dizer ingênito, por similitude de tendências naturalmente accentuadas com a assimilação e a admiração das obras primas do mestre.

Em José de Mesquita ha, sem imitação nem apparencia preconcebida, nesgas de humorismo característica e inconfundivelmente machadiano. Filia-se ao ironista das *Histórias sem Data*, como este se approxima de Stern.

Meia dúzia de exemplos podem ser catados no volume de contos *Espelho de Almas* do escriptor matto-grossense, publicadas



ha quase quatro annos, mas posto novamente em evidencia com a recente vinda de seu autor a esta Capital, para representar as instituições a que pertence no congresso acadêmico reunido em Maio findo e no congresso jurídico ainda agora reunido.

No conto inicial, diz um amigo de paradoxos: “Os desconhecidos são como essas velhas moedas cunhadas ha muitos annos que nos passam pelas mãos: nem todos sabem dar-lhes o devido apreço, recebem-nas e passam-nas a outros sem reflectir no mistério do seu destino. . . “

Em *O forçado da felicidade* este trecho é perfeitamente machadiano: “Eu tenho um amigo que se considera irremediavelmente desaventurado porque tem olhos garços, quando os desejava pretos. É uma infelicidade absoluta, irreparável pois afaguem até hoje poder trocar, a seu talante, a cor dos seus olhos. . . “

Eis agora um parente do inseparável e herdado companheiro do Rubião: “Era uma vez um cachorro que tinha que tinha um guiso. Chamava-se Jack e era um bello animal; . . . era um cachorro de estimação, o entre eles, cachorros, equivale à nossa expressão . . . pessoa de sociedade”. Mais uma carapuça para *D. Casmurro*: “Já notaste que os taciturnos, os de humor sem brio, como dizem os antigos, quando se abrem são justamente os mais expansivos? Pois regista, mais esse contraste da alma humana, tão cheia delles e excusa de felicitar-me a titulo desta investigação pchologica, pois lealmente t’o declaro – leitor – ella não é minha, pois pode ser tua, e de toda gente”.

Um partidário da theoria do imprevisto contróe um dos seus romances de amor com um banal galanteio que dirige a uma passante. “Ella por certo não comprehendeu bem a phrase, em que havia resaibos intencionaes de preciosismo. Mas esboçou um sorriso que era a mais eloqüente approbativa às palavras Álvaro. . . Este pegou do sorriso, que era mais um convite, e, longe de segui-o. . . “

O problema da morte apparece a outra das suas personagens como appareceria a qualquer dos personagens fundamentaes da galeria machadiana. “Eu penso sempre, ao voltar

de um enterro, na profunda melencolia que suggere um fim de tarde de outono, no campo santo, depois que todos voltam de novo à vida que continua e o morto ali fica, só, inteiramente só, – que ali não ha amor terreno, por mais tarde, que o acompanhe – e até o coveiro, governador macabro dessa cidade da morte, se retira, fechando atrás de si o portão de ferro”. O mesmo personagem diz também haver conhecido “uma mulher bonita, que morreu tuberculosa um anno depois de casada. Dizia sempre que o seu maior pesar era que o esposo ficasse”. “Este facto, prossegue elle, dá bem a idea dessa sensação esquisita de que ha pouco lhe falei: o horror que desperta no que vae morrer a lembrança de que tudo continua e elle desaparece, morto para tudo, para as cousas boas e dolorosas da vida”. E, ainda num conselho amatorio: “O senhor tem alguma namorada? Ame-a, seja feliz, mas não se lembre nunca, ao estreital-a ao seio, que ali vae o vírus da morte, o delicioso veneno do amor que prolarga a raça e a extingue. . .”

Mais além, em outro conto, ha um idyllio romântico entre uma tamartineana Graziella e um poeta: “durou seis mezes, custou-lhe duas caixas de pennas Mallet e umas três resmas de papel almasso. . . “É uma associação de idéas, que o próprio *conteur* explica: “O amor é cousa muito relativa, na duração como no custo. O da Marcella por *Braz Cubas* durou mais e custou mais caro”.

Quando o mestre das *Memórias Posthumas* assestava os seus óculos sobre uma paisagem não era seguramente para descrevel-a, para surprehendel-a nos segredos dos seus tons e dos seus contornos, antes para apoiar, dar base objectiva ao seu subjectivismo de psychologo á cata de analogias e de associações. O discípulo tem frequentes vezes dessas extrospecções, dessas verdadeiras projecções da consciência ao mundo exterior: “Somos como uma vidraça através da qual se avista a paisagem: o vidro é sempre o mesmo, mas a paisagem varia constantemente e, a mercê das estações, dos imprevistos de todos os instantes, dos ransuentes, de tanta cousa mais. . . Quem será tão simples para affirmar que conhece os aspectos da paisagem só por ter visto o vidro sempre igual?”.



#### UM DISCIPULO DE MACHADO DE ASSIS — 1936

O último conto do volume intitula-se *A burguesinha ou As linhas occultas do destino*. Ha também ahi trechos accentuadamente machadianos. Um antigo namorado encontra viúva a mulher com quem rompera e que se casara com um dos seus amigos da mocidade. Eis como escriptor machadiano nos relata o desfecho que se espera: “Não penses, leitor, que sem o telegramma e a morte ficaria sem fim esta história. No pé em que as cousas haviam chegado, a história estou eu em que acabaria da mesma forma, assim foi melhor, porque ficaram satisfeitos a moralidade e o juiz que os casou, logo depois alliviado o luto. Não vás também suppor que este telegramma e esta morte entrassem aqui para concertar o epílogo do conto ao gosto de certos leitores que só apreciam historias que acabam em casamento. . . Afianço-te que o caso se passou assim tal e qual, nem de outra forma iria inverter a realidade para te ser agradável”.

Penso não ter forçado a mão incluindo o nome do *conteur* mato-grossense, que é também poeta magnífico, no rol dos verdadeiros discípulos do psychologo do conselheiro Ayres.

#### **MODESTO DE ABREU**

In: *Boletim de Ariel*, Ariel Editora Limitada, Rio de Janeiro, Julho de 1936, p. 266-267.

